

A INSATISFAÇÃO QUANTO À AUTOPERCEPÇÃO DE FALAR EM PÚBLICO, ENTRE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA, ESTÁ ASSOCIADA AO TRABALHO?

THE DISSATISFACTION AS TO SPEAK IN PUBLIC PERCEPTION BETWEEN PEDAGOGY STUDENTS IS ASSOCIATE TO WORKING?

Gedálias Olizete de Brito¹

Juscely Cavalcanti Queiroz de Freitas¹

Gilcier Conceição dos Reis²

Danilo Lima Carreiro³

Laura Tatiany Mineiro Coutinho⁴

Wagner Luiz Mineiro Coutinho⁵

RESUMO

Objetivou-se avaliar a prevalência de insatisfação quanto à autopercepção de falar em público e se, entre estudantes de pedagogia, ela se mostra associada ao trabalho. Estudo analítico e transversal entre estudantes de uma instituição de ensino superior do norte de Minas Gerais. Para a coleta de dados utilizaram-se: Escala para Autoavaliação ao Falar em Público, Critério de Classificação Econômica Brasil e Questionário variáveis demográficas, socioeconômicas e discentes. Avaliou-se a associação em estudo através do Teste Qui-quadrado de Pearson, considerando $p \leq 0,05$. Estudo aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Associação Educativa do Brasil (968.035). Participaram 158 estudantes, dos quais 114 responderam à Escala Autoavaliação ao Falar em Público. Registrou-se média de idade de 28 anos (± 8 anos), predomínio de estudantes-trabalhadores (69,5%; $n=73$) e prevalência de insatisfação quanto à autopercepção de falar em público de 26,3% ($n=30$). Na análise bivariada, registraram-se entre estudantes-trabalhadores prevalência de insatisfação quanto à autopercepção de falar em público de 34,2% e entre estudantes não trabalhadores de 15,6%. Estudantes-trabalhadores apresentaram chance 2,81 vezes de desenvolver insatisfação quanto à autopercepção de falar em público quando comparados aos estudantes não trabalhadores ($p=0,052$). A condição trabalho mostrou-se como variável que diferencia o estudante-trabalhador do não trabalhador no que tange a insatisfação quanto à autopercepção de falar em público.

Palavras-Chave: Falar em Público. Educação Superior. Pedagogia. Saúde Pública. Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT

This study aimed to assess the prevalence of dissatisfaction with the perception of public speaking and, among pedagogy students, it shows associated with the work. Analytical and cross-sectional study among students of a higher education institution in the north of Minas Gerais. For data collection used: Scale Self-Assessment to Public Speaking, Economic Classification Criterion Brazil and Questionnaire with demographic, socioeconomic and students variables. It was evaluated

¹ Pedagoga graduada pela Associação Educativa do Brasil (SOEBRAS).

² Estudante do Curso de Graduação em Administração pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Campus Pirapora.

³ Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Campus Pirapora.

⁴ Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Professora da Associação Educativa do Brasil (SOEBRAS) e das Faculdades Santo Agostinho de Montes Claros (FASA).

⁵ Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Professor da Associação Educativa do Brasil (SOEBRAS).

Autor para correspondência: Wagner Luiz Mineiro Coutinho. Endereço: Av. Nice - 99 - Ibituruna - Montes Claros - MG - 39400-089. E-mail: coutinhowlm@gmail.com

the association in the study using the Chi-square test of Pearson, considering $p \leq 0.05$. Study approved by the Research Ethics Committee of the Associação Educativa do Brasil (968,035). 158 students participated, of which 114 responded to the Self-Assessment Scale to Public Speaking. Registered a mean age of 28 years (± 8), predominantly student-workers (69.5%; $n = 73$) and prevalence of dissatisfaction with the perception of public speaking 26.3% ($n = 30$). In the bivariate analysis, were registered among students-workers prevalence of dissatisfaction with the perception of public speaking and 34.2% among students not workers of 15.6%. Student workers had chance 2.81 times to develop dissatisfaction with the perception of public speaking when compared to students not workers ($p = 0.052$). The working condition proved to be variable that differentiates no worker student-worker with respect to dissatisfaction with the perception of public speaking.

Keywords: Public Speaking. College education. Pedagogy. Public health. Worker's health.

INTRODUÇÃO

Espera-se que ao ingressar no ensino superior, o estudante apresente habilidades para vivenciar essa nova etapa da vida, o que faz com que as Instituições de Ensino Superior – IES pouco invistam em práticas pedagógicas favoráveis à adaptação psicossocial do estudante. Entretanto, esse período é comumente demarcado por desafios, conflitos e dificuldades frente às exigências das atividades acadêmicas, aos relacionamentos interpessoais e sociais, à identidade e ao amadurecimento vocacional do estudante. Apesar das IES prepararem o estudante para sua inserção no mercado de trabalho -ao promover a aquisição de habilidades por meio de empresas juniores, atividades de extensão e programas de formação continuada- a promoção da habilidade de comunicação tem sido negligenciada, sendo que tal aptidão configura-se cada vez mais como uma das exigências do mercado de trabalho (ALMEIDA, 1988; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003; GERK; CUNHA, 2006; MURAKAMY *et al.*, 2009; RIBEIRO; BOLSONI-SILVA, 2011).

Dentre as habilidades comportamentais demandadas pelas IES, a aptidão de falar em público envolve situações como apresentar trabalhos e seminários, responder aos questionamentos de docentes, comentar e expressar opinião diante os pares, dar recados em sala de aula, comunicar com superiores e desenvolver atividades em grupo. Tais situações podem favorecer o desenvolvimento de ansiedade excessiva com consequente impacto negativo no desempenho acadêmico e até mesmo na evasão escolar. Há de se ressaltar que sintomas de ansiedade ou desconforto em situações de exposição pessoal são normais e aceitáveis, entretanto será considerada como transtorno quando a exposição trazer sofrimento ao estudante, com evidência de comportamentos como fuga e não enfrentamento da vida acadêmica, o que por sua vez pode desencadear em prejuízos de cunho acadêmico, social e profissional (D'EL REY; LEUZZI; CARDOSO, 2007; OLIVEIRA; DUARTE, 2004; RIBEIRO; BOLSONI-SILVA, 2011).

Pesquisa prévia identificou que o receio de falar em público pode estar presente de forma

mais evidente entre profissionais que durante o período de formação acadêmica exerciam atividade laboral (estudante-trabalhador). Nos dias atuais, a presença do estudante-trabalhador é cada vez mais expressiva nas IES e sua rotina, marcada por atividades acadêmicas e laborais, pode determinar um ritmo de vida exaustivo com consequências no processo de formação acadêmica. Tal estudante, geralmente, tende a pouco participar das atividades em sala de aula, a atrasar na chegada e a retirar-se da instituição antes do término das atividades acadêmicas, a frequentemente ausentar-se das aulas e/ou de outras atividades, bem como a constantemente queixar de cansaço e indisposição física e psicológica (COSTA; MERIGHI; JESUS, 2008; TOMBOLATO, 2005).

Na literatura não se identificaram pesquisas antecedentes que tenham abordado a possível associação entre insatisfação quanto à autopercepção de falar em público e trabalho entre estudantes do ensino superior. Entretanto pesquisas prévias identificaram que o estudante do ensino superior que também exerce atividade laboral tem maior chance de desenvolver: Síndrome de *Burnout*, dimensão exatão emocional da Síndrome de *Burnout*, sonolência diurna excessiva e baixa percepção do domínio físico de qualidade de vida (GONÇALVES *et al.*, 2015; SAMPAIO *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2015; SOUTO *et al.*, 2015). Já em outras pesquisas, a condição trabalho não se mostrou como discriminante entre estudantes-trabalhadores e não trabalhadores no que tange a percepção do nível de qualidade de vida (COUTINHO *et al.*, 2015; TOMBOLATO, 2005;).

Com base no exposto e de forma a contriubuir com a literatura produzida previamente, no sentido de melhor compreender o estudante-trabalhador, principalmente no que tange a autopercepção de falar em público, o presente estudo objetivou avaliar a prevalência de insatisfação quanto à autopercepção de falar em público e se, entre estudantes de pedagogia, ela se mostra associada ao trabalho.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo analítico e transversal desenvolvido entre estudantes do curso de graduação em pedagogia de uma instituição de ensino no município de Montes Claros, o qual se configura como importante polo de ensino superior na região norte mineira.

Obteve-se junto à instituição de ensino, o número de estudantes matriculados e cursando o referido curso. Considerou-se como critério de inclusão para participar do estudo, a idade mínima de 18 anos.

Os dados foram coletados por pesquisadores envolvidos no estudo, previamente treinados. Para tal, utilizou-se formulário constituído pelos seguintes instrumentos: Escala para Autoavaliação ao Falar em Público (SSPS), Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) e questionário variáveis demográficas, socioeconômicas e discentes.

A escala SSPS trata-se de um questionário estruturado, autoaplicado e validado para uso no Brasil (alfa de Cronbach: 0,90 para a escala total; 0,80 para a subescala de autoavaliação positiva; e 0,78 para a subescala de autoavaliação negativa) (OSÓRIO; CRIPPA; LOUREIRO, 2008) cujo objetivo é avaliar a autopercepção do desempenho na situação específica de falar em público. Constituído por 10 questões pontuadas por meio de uma escala de Likert que varia de “0” a “5” sendo que “0” corresponde a “discordo totalmente” e “5” a “concordo inteiramente”. As 10 questões são divididas em duas subescalas: autoavaliação positiva (questões 1, 3, 5, 6, 9) e autoavaliação negativa (questões 2, 4, 7, 8, 10) (OSÓRIO; CRIPPA; LOUREIRO, 2012). O escore total máximo é de 50 pontos, sendo este o somatório da pontuação dos itens das subescalas positiva e negativa. Destaca-se que a pontuação dos itens da subescala negativa é invertida. No presente estudo, os resultados da pontuação foram dicotomizados em 0 = autopercepção ao falar em público satisfatória e 1 = autopercepção ao falar em público insatisfatória, considerando para tal, o limite inferior do intervalo de confiança.

O CCEB trata-se de um questionário estruturado, autoaplicado e desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP). Seu objetivo é estimar o poder de compra dos sujeitos e famílias urbanas. A soma dos pontos obtidos categoriza os pontos de corte nas seguintes classes econômicas: “A1” (46-42 pontos), “A2” (41-35), “B1” (34-29), “B2” (28-23), “C1” (22-18), “C2” (17-14), “D” (13-8) e “E” (7-0), onde a classe “E” refere-se aos sujeitos com condições econômicas menos favoráveis (ABEP, 2012). Para efeito de análise, a segmentação foi dicotomizada em: alta (A1, A2, B1 e B2) e baixa (C1, C2, D e E) (SOUZA *et al.*, 2015).

O questionário variáveis demográficas, socioeconômicas e discentes trata-se de um questionário estruturado, autoaplicado e desenvolvido pelos autores do estudo com o intuito de caracterizar os sujeitos quanto às variáveis demográficas, socioeconômicas e discentes.

A obtenção dos dados deu-se por aplicação de formulário constituído pelos questionários delimitados para o estudo. Para tal, pesquisadores dirigiam-se a cada sala de aula onde, após apresentar os objetivos e a justificativa do estudo aos presentes, convidava-os a participarem do mesmo. Àqueles que consentiam, era apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido. Após esclarecimento de possíveis dúvidas solicitava-se a assinatura do referido termo e imediatamente após entregava-se o formulário para obtenção das respostas.

Os dados foram analisados no *software Statistical Package for the Social Sciences -17[®]*. A princípio foram realizadas análises descritivas com o intuito de caracterizar os estudantes. Para avaliar a associação em estudo, conduziu-se regressão logística binária, através do teste Qui Quadrado, considerando associação ao nível de $p \leq 0,05$.

Estudo aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Associação Educativa do Brasil (parecer substanciado 968.035).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a coleta de dados identificaram-se 186 estudantes devidamente matriculados e cursando o curso de pedagogia. Desses, 158 consentiram em participar do estudo e 114 responderam à escala SSPS. Registrou-se média de idade de 28 anos (± 8 anos) e predomínio de estudantes-trabalhadores (69,5%). Os demais dados demográficos e socioeconômicos são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Dados demográficos e socioeconômicos, relação entre insatisfação quanto à autopercepção de falar em público e trabalho, de graduação em pedagogia, Montes Claros – MG, 2015 (n=114)

| CONDIÇÕES DEMOGRÁFICAS | n | % |
|----------------------------------|----------|----------|
| Sexo* | | |
| Masculino | 5 | 4,6 |
| Feminino | 103 | 95,4 |
| Idade* | | |
| Maior que 27 anos | 46 | 46,0 |
| Menor ou igual a 27 anos | 54 | 54,0 |
| Raça/cor da pele* | | |
| Branca/amarela | 17 | 16,5 |
| Preta/parda/indígena | 86 | 83,5 |
| CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS | | |
| Estado civil* | | |
| Solteiro/divorciado | 65 | 58,0 |
| Casado | 47 | 42,0 |
| Segmentação econômica* | | |
| Alta | 20 | 25,3 |
| Baixa | 59 | 74,4 |
| Filhos* | | |
| Sem filhos | 61 | 55,5 |
| Com filhos | 49 | 44,5 |
| Escolaridade da mãe* | | |
| Superior | 8 | 7,8 |
| Médio | 59 | 28,4 |
| Fundamental | 65 | 63,7 |
| Escolaridade do pai* | | |
| Superior | 24 | 23,8 |
| Médio | 77 | 76,2 |
| Fundamental | - | - |
| Reside com quem* | | |
| Própria família | 70 | 90,9 |
| Amigos/colegas/sozinho | 7 | 9,1 |

*o número de respondente não corresponde ao total de participantes.

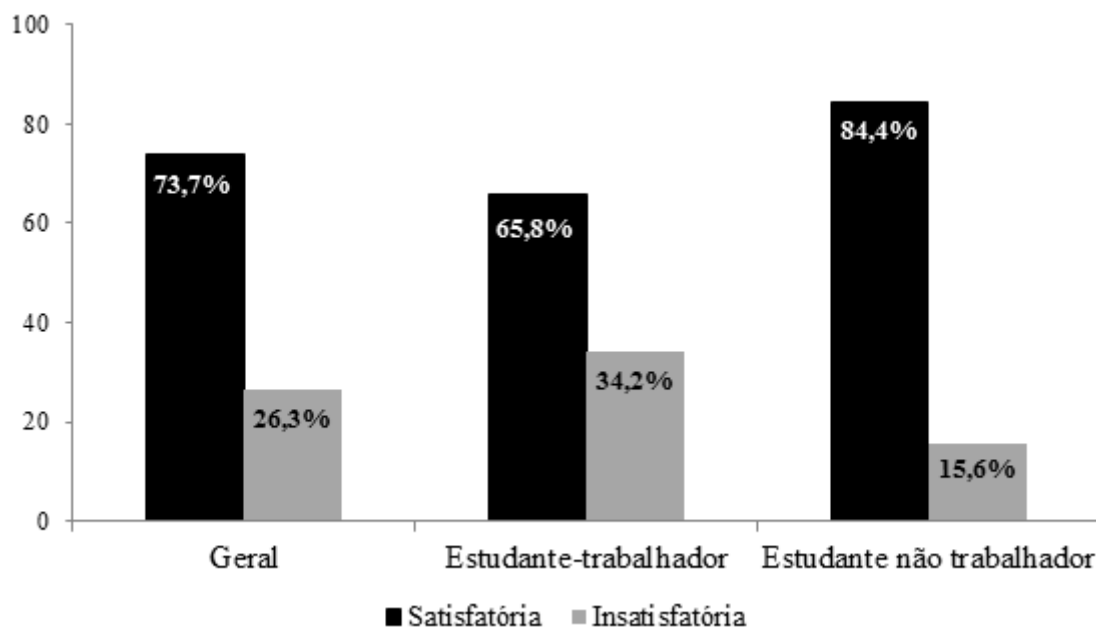
Fonte: dados da pesquisa.

Constatou-se predomínio de estudantes do sexo feminino, daqueles que autorreferiram raça/cor da pele categorizada como preta/parda/indígena, de pessoas com estado civil categorizado como solteiro/divorciado, daqueles com segmentação econômica categorizada como baixa, de estudantes cujas mães possuem nível fundamental de escolaridade e pais com nível médio e de estudantes que residem com a própria família. Resultados esses, convergentes a pesquisas prévias

entre estudantes do ensino superior (BORÉM *et al.*, 2011; CARREIRO *et al.*, 2010; GAMA *et al.*, 2008; LAFETÁ *et al.*, 2010; PORTO *et al.*, 2012; SANTOS *et al.*, 2014; TOMBOLATO, 2005; VIANA *et al.*, 2014). Acredita-se que o predomínio de pessoas do sexo feminino possa ser explicado pelo fato de que algumas profissões são tidas como “profissões femininas”, consideradas assim, pela grande contingência de mulheres em seus quadros. Dentre tais profissões merecem destaque: professoras, assistentes sociais, enfermeiras, e bibliotecárias dentre outras (FERREIRA, 2003). Já a maior frequência de estudantes categorizados como pertencentes a uma baixa segmentação econômica provavelmente tenha se dado, pelo fato de que, apesar do estudo ter sido realizado num município cujo Índice de Desenvolvimento Humano – IDH é classificado como alto, parte expressiva dos estudantes provêm de municípios com IDH menos expressivos (IBGE, 2013).

No Gráfico 1 são apresentadas as prevalências de insatisfação quanto à autopercepção de falar em público geral e por grupos de estudantes-trabalhadores e não trabalhadores.

Gráfico 1 – Prevalências de insatisfação quanto à autopercepção de falar em público (geral, estudantes-trabalhadores e não trabalhadores) estudantes de graduação em pedagogia, Montes Claros – MG, 2015 (n=114)



Fonte: dados da pesquisa.

Estudantes-trabalhadores se mostraram mais insatisfeitos quanto à autopercepção de falar em público do que estudantes não trabalhadores. Ainda são incipientes as pesquisas que propuseram avaliar o impacto do trabalho em distintas condições (demográficas, socioeconômicas, discentes, de saúde e outras) entre estudantes do ensino superior. Especificamente em relação à insatisfação quanto à autopercepção de falar em público não foram identificadas pesquisas antecedentes que pudessem aprofundar a discussão do resultado identificado no presente estudo. Entretanto estudos

prévios entre estudantes do nível superior, identificaram maiores prevalências de sonolência diurna excessiva (SOUTO *et al.*, 2015), de Síndrome de *Burnout* e respectivas dimensões (SAMPAIO *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2015) e de baixa percepção do nível de qualidade de vida e respectivos domínios (GONÇALVES *et al.*, 2015) entre estudantes-trabalhadores do que entre estudantes não trabalhadores.

Através da análise bivariada, identificou-se que estudantes-trabalhadores apresentaram chance 2,81 vezes de apresentar insatisfação quanto à autopercepção de falar em público quando comparados aos estudantes não trabalhadores ($p=0,052$). Apesar de ser uma “fraca associação”, essa não descarta a hipótese de causalidade (LUIZ; STRUCHINER, 2002). Entre estudantes de enfermagem, estudo prévio verificou que o ‘receio de falar’ é uma das dificuldades apresentadas pelo estudante-trabalhador (COSTA-MILLA; MERIGHI; JESUS, 2008). Tal fato pode encontrar explicação na condição que o estudante-trabalhador não tenha tempo real para o estudo, sendo que muitos só conseguem estudar porque trabalham, todavia a jornada de trabalho é quem determina o tempo a ser dedicado ao estudo. Destaca-se ainda que geralmente, o estudante-trabalhador não é dispensado da atividade laboral para dedicar-se às atividades acadêmicas avaliativas e quando o é, tem que repor o tempo da dispensa nos finais de semana, o que aumenta a carga de trabalho (TOMBOLATO, 2005).

Sabe-se que durante o processo de formação acadêmica, o estudante do ensino superior vivencia distintas formas de ser avaliado. Dentre as modalidades de avaliação, a apresentação de trabalhos e seminários em público, é uma constante prática nos cursos de graduação e pós-graduação, caracterizando-se como metodologias de ensino as quais englobam dois momentos distintos: a pesquisa e a partilha dos conhecimentos identificados, fundamentadas numa profunda reflexão de um determinado problema (SEVERINO, 2007). Dessa forma, a indisponibilidade temporal do estudante-trabalhador poderia impactar negativamente na realização das pesquisas e, por conseguinte, na participação do mesmo durante a partilha do conhecimento.

Dentre os limites do presente estudo, o desenho transversal não permite estabelecer uma relação temporal entre a associação observada, o que norteia para a realização de novos estudos com delineamentos mais robustos de modo a melhor avaliar a associação identificada. O fato de o estudo ter sido realizado em apenas uma instituição de ensino pode não expressar a realidade municipal, estadual e nacional. Por fim, e não menos importante, destaca-se a quantidade ainda incipiente de estudos prévios com o tema aqui abordado limitou discussão mais robusta dos resultados registrados.

Como aspectos positivos ressaltam-se o ineditismo do estudo ao avaliar a prevalência de insatisfação quanto à autopercepção de falar em público e sua associação com trabalho, bem como o uso de instrumentos validados para uso no Brasil e a coleta de dados ter sido realizada por

pesquisadores previamente treinados, o que minimiza possíveis vieses e proporciona ao estudo melhor rigorosidade metodológica.

CONCLUSÃO

Os desafios pertinentes ao período de formação acadêmica são numerosos principalmente no que tange a formação do estudante-trabalhador. Sujeito esse que pode apresentar uma série de demandas dentre as quais, a capacitação para aquisição e/ou aprimoramento das habilidades e competências diante situações em que se exige falar em público. Entretanto as pesquisas que abordaram essa temática ainda são escassas e assim o presente estudo vem contribuir para com uma melhor compreensão sobre o assunto, bem como fomentar a realização de novas pesquisas com tal objeto de estudo.

As prevalências de insatisfação quanto à autopercepção de falar em público registradas nesse estudo são preocupantes e merecedoras de atenção, principalmente entre estudantes-trabalhadores, os quais se mostraram com maior chance de se apresentarem insatisfeitos com tal habilidade. Nesse sentido, sugere-se que gestores de IES viabilizem a adoção de medidas favoráveis ao enfrentamento da dificuldade de falar em público, principalmente ao se considerar a formação de profissionais que possivelmente lidarão com tal situação durante o exercício profissional.

AGRADECIMENTOS

O presente estudo teve sua origem no Grupo de Pesquisa SETEG (Saúde, Educação, Trabalho, Gestão) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), ao qual se expressa os devidos agradecimentos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA – ABEP. **Critério de Classificação Econômica Brasil**. São Paulo, 2012.

ALMEIDA, L. S. Questionário de Vivências Acadêmicas para jovens universitários. Estudo de construção e de validação. **Revista Galego- Portuguesa de Psicologia e Educação**, v. 2, n. 3, p. 113-130, 1998.

BORÉM, C. A. M. *et al.* Correlação entre tendência empreendedora e segmentação econômica em acadêmicos de Enfermagem. **Revista Mineira de Educação Física**, Edição especial, n. 6, 185-195, 2011.

CARREIRO, D. L. *et al.* Comparação da tendência empreendedora entre acadêmicos de Educação Física e Fisioterapia. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, v. 15, n. 148, 2010.

COSTA, M. L. A. S.; MERIGHI, M. A. B.; JESUS, M. C. P. Ser enfermeiro tendo sido estudante - trabalhador de enfermagem: um enfoque da fenomenologia social. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 21, n. 1, p. 17-23, 2008.

COUTINHO, W. L. M. *et al.* **Relação entre qualidade de vida e trabalho entre estudantes de educação física**. In: JONAFES 2015 “CIÊNCIAS EXATAS, HUMANAS, SOCIAIS, BIOLÓGICAS E DA SAÚDE”, p. 96-99, 2015, Montes Claros, MG. Anais [recurso eletrônico] / JONAFES 2015 “Ciências Exatas, Humanas, Sociais, Biológicas e da Saúde”. Montes Claros (MG): SOEBRAS, 2015, Disponível em: <http://www.funorte.com.br/files/ANAIS_-_Verso_final_-_18-12-15.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 3, p. 413-420, 2003.

D’EL REY, G. J. F.; LEUZZI, J. P.; CARDOSO, L. R. Consistência interna da versão em português do Mini-Inventário de Fobia Social (Mini-SPIN). **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, n. 6, p. 266-269, 2007.

FERREIRA, M. M. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transformação**, v. 15, n. 2, p. 189-201, 2003.

GAMA, M. M. A. *et al.* Ansiedade-traço em estudantes universitários de Aracaju (SE). **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 30, n. 1, p. 19-24, 2008.

GERK, E.; CUNHA, S. M. As habilidades sociais na adaptação de estudantes ao ensino superior. In: M. BANDEIRA; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Org.). **Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GONÇALVES, M. M. *et al.* **Relação entre qualidade de vida e trabalho entre estudantes de graduação em enfermagem**. In: JONAFES 2015 “CIÊNCIAS EXATAS, HUMANAS, SOCIAIS, BIOLÓGICAS E DA SAÚDE”, p. 21-21, 2015, Montes Claros, MG. Anais [recurso eletrônico] / JONAFES 2015 “Ciências Exatas, Humanas, Sociais, Biológicas e da Saúde”. Montes Claros (MG): SOEBRAS, 2015, Disponível em: <http://www.funorte.com.br/files/ANAIS_-_Verso_final_-_18-12-15.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. Atlas Brasil: 2013**. Brasília, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2013.

LAFETÁ, J. C. *et al.* Correlação entre aptidão aeróbica e flexibilidade corpórea de acadêmicos do curso de Fisioterapia. **Revista Mineira de Educação Física**, Edição especial, n. 5, 283-293, 2010.

LUIZ, R. R.; STRUCHINER, C. J. **Inferência causal em epidemiologia: o modelo de respostas potenciais** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 112 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/p2qh6/pdf/luiz-9788575412688-04.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

MURAKAMI, K. *et al.* Learning on Work Placement: The Narrative Development of Social

Competence. **Journal Adult Development**, v. 16, p. 13–24, 2009.

OLIVEIRA, M. A.; DUARTE, A. M. M. Controle de Respostas de Ansiedade em Universitários em Situações de Exposições Oraís. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**, v. 6, n. 2, p. 183-199, 2004.

OSÓRIO, F. L.; CRIPPA, J. A. S.; LOUREIRO, S.R. Escala para auto avaliação ao falar em público (SSPS): adaptação transcultural e consistência interna da versão brasileira. **Archives of Clinical Psychiatry**, v. 35, n. 6, p. 207-211, 2008.

OSÓRIO, F. L.; CRIPPA, J. A. S.; LOUREIRO, S.R. Aspectos cognitivos do falar em público: validação de uma escala de autoavaliação para universitários brasileiros. **Revista Psiquiatria Clínica**, v. 39, n. 2, p. 48-53, 2012.

PORTO, G. M. *et al.* Uso ocasional, abusivo ou dependência de substâncias psicoativas entre calouros do curso de graduação em fisioterapia. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, v. 17, n. 170, 2012.

RIBEIRO, D. C.; BOLSONI-SILVA, A.T. Potencialidades e dificuldades interpessoais de universitários: estudo de caracterização. **Acta Comportamentália**, v. 19, n. 2, p. 205-224, 2011.

SANTOS, C. A. *et al.* Relação entre qualidade de vida, estresse e trabalho entre estudantes de fisioterapia. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 1, p. 866-875, 2014.

SAMPAIO, T. L. A. *et al.* **Relação entre síndrome de burnout e trabalho entre estudantes de graduação em fisioterapia**. In: JONAFES 2015 “CIÊNCIAS EXATAS, HUMANAS, SOCIAIS, BIOLÓGICAS E DA SAÚDE”, p. 84-87, 2015, Montes Claros, MG. Anais [recurso eletrônico] / JONAFES 2015 “Ciências Exatas, Humanas, Sociais, Biológicas e da Saúde”. Montes Claros (MG): SOEBRAS, 2015, Disponível em: <http://www.funorte.com.br/files/ANAIS_-_Verso_final_-_18-12-15.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SILVA, A. L. S. **Relação entre síndrome de burnout e trabalho entre estudantes de graduação em enfermagem**. In: JONAFES 2015 “CIÊNCIAS EXATAS, HUMANAS, SOCIAIS, BIOLÓGICAS E DA SAÚDE”, p. 20-20, 2015, Montes Claros, MG. Anais [recurso eletrônico] / JONAFES 2015 “Ciências Exatas, Humanas, Sociais, Biológicas e da Saúde”. Montes Claros (MG): SOEBRAS, 2015, Disponível em: <http://www.funorte.com.br/files/ANAIS_-_Verso_final_-_18-12-15.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SOUTO, S. K. R. *et al.* **Relação entre sonolência diurna excessiva e trabalho entre estudantes de graduação em enfermagem**. In: JONAFES 2015 “CIÊNCIAS EXATAS, HUMANAS, SOCIAIS, BIOLÓGICAS E DA SAÚDE”, p. 19-19, 2015, Montes Claros, MG. Anais [recurso eletrônico] / JONAFES 2015 “Ciências Exatas, Humanas, Sociais, Biológicas e da Saúde”. Montes Claros (MG): SOEBRAS, 2015, Disponível em: <http://www.funorte.com.br/files/ANAIS_-_Verso_final_-_18-12-15.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SOUZA, A. S. *et al.* Fatores associados à qualidade de vida no trabalho entre professores do ensino superior. **Arquivos de Ciências da Saúde**, v. 22, n. 4, p. 46-51, 2015.

TOMBOLATO, M. C. R. **Qualidade de vida e sintomas psicopatológicos do estudante trabalhador**. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade

Católica de Campinas, Campinas, SP, 2005.

VIANA, G. M. *et al.* Relação entre Síndrome de Burnout, ansiedade e qualidade de vida entre estudantes de ciências da saúde. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 1, p. 876-885, 2014.